

Catequizar e instruir: o perfil dos *pescadores de almas*, segundo o Padre António Vieira

Nelson Veríssimo
Universidade da Madeira
nverissi@uma.pt

Data de recepção do artigo: 16-06-2011
Data de aceitação do artigo: 20-06-2011

Resumo

O Padre António Vieira (1608-1697), além de famoso pregador, foi missionário na Baía e no Maranhão, onde se empenhou na conversão e defesa dos índios.

Por diversas vezes, sublinhou que todo o jesuíta deveria aprender a língua da terra onde residia, a fim de melhor servir a missão de *pescador de almas*. Ele próprio redigiu catecismos em diferentes línguas.

Nos seus sermões, cartas e outros textos, distinguem-se traços, delineados com intensa experiência evangelizadora e profunda erudição, da imagem ou perfil de um missionário ideal, empenhado na catequese, instrução, auxílio e salvação.

Palavras-chave: António Vieira – Companhia de Jesus – Missionário – Brasil

Abstract

Padre Antonio Vieira (1608-1697), besides being a famous preacher, he was a missionary in Bahia and Maranhão where he was deeply committed to natives' conversion and protection.

On several occasions, he pointed out that every Jesuit should learn the native languages in order to improve the mission of being a "fishermen of souls". He wrote catechisms in different languages.

Based on his intense evangelizing experience we can appreciate in his sermons, letters and other works, with a profound erudition, the ideal profile that a missionary must have when committed to catechesis, apostolate, education, support and salvation.

Keywords: António Vieira – Society of Jesus – Missionary – Brazil

António Vieira, em carta de 21 de Julho de 1695, escreveu que «esteve cinco anos em todas as aldeias da Baía, e nove anos na

gentilidade do Maranhão e Grão-Pará, onde em distância de quatrocentas léguas levantou dezasseis igrejas, fazendo catecismos em sete línguas diferentes; e, depois de reduzir os Índios à Fé e vassalagem de el-rei de Portugal, então capitulou, com eles e com os Portugueses, o modo com que uns haviam de servir e os outros lhes deviam de pagar cada mês.» (1997: III, 686)

Como Visitador Geral da Província do Brasil, na *Exortação primeira em véspera do Espírito Santo*, pregada em 1688, lembrou o preceito inaciano, e da própria Regra da Companhia, de todos os jesuítas deverem aprender a língua da terra onde residiam, enfatizando *todos*, «porque todos haviam de ser pescadores de almas». (Vieira 1959: V, 382)

Salientou ainda Vieira, no mesmo sermão, que o título de *Doctor gentium*, que São Paulo atribuiu a si próprio, «não se dá na Baía, nem em Coimbra, nem em Salamanca, senão nas aldeias de palha, nos desertos dos sertões, nos bosques das gentilidades.» (1959: V, 390). E chamou, ao Grão-Pará e rio das Amazonas, «imensa universidade de almas» (*Ibid.*), onde os noviços se aplicariam na ciência da conversão, reputando de grande importância a experiência na *Babel do rio das Amazonas*, onde havia mais de cento e cinquenta línguas (1959: V, 414).

Nos seus sermões, cartas e outros textos, distinguem-se traços, delineados com intensa experiência evangelizadora e profunda erudição, da imagem ou perfil de um missionário ideal, empenhado na catequese, instrução, auxílio e salvação. Por vezes, mestre, pai, pastor ou tutor, e, por outras, médico, enfermeiro, servo e escravo, a empresa do *pescador de almas* deveria ser, na linha dos ensinamentos de São Paulo: «Todo para todos, e para todos tudo.» (Vieira 1959: V, 388)

O protótipo do missionário, segundo Vieira, foi objecto de um estudo de Maria Lucília Gonçalves Pires, publicado na revista *Oceanos*, por ocasião do III Centenário da morte do Padre António Vieira (Pires 1997). Retomando o conceito de protótipo, de Max Scheler (2001), já utilizado por Margarida Vieira Mendes (2003), Lucília Pires deu-nos bem documentada visão do «conjunto estruturado de valores que constrói a imagem ideal do missionário», na perspectiva do famoso jesuíta (1997: 29).

Vamos também tentar gizar o perfil do *pescador de almas*, segundo Vieira, procurando, em síntese, esse «dever ser ideal» em cartas, sermões, regulamentos, projectos de diplomas legislativos, defesa

perante o Tribunal do Santo Ofício, *História do Futuro* e na *Clavis prophetarum*, não esquecendo nunca que o jesuíta se dedicou à missionação dos índios do Maranhão entre 1653 e 1661, beneficiando, pois, das vivências dessa realidade, como, por diversas vezes, sublinhou.

Além do protótipo, pretendemos saber se Vieira reconheceu um modelo de missionário encarnado numa personagem histórica (*exemplar*), o que Lucília Pires afirmou, no artigo citado acima, não crer ser possível procurar nos textos do nosso jesuíta. Contudo em «Vieira Pregador», aquela reputada investigadora reconheceu a existência do modelo ideal do pregador:

Em muitos dos seus sermões Vieira desenhou o modelo ideal do pregador e apontou figuras que personificam esse ideal. O protótipo do pregador segundo Vieira encarna em pessoas como S. Paulo, S. João Batista ou Santo António – homens que usaram a palavra para converterem os homens para Deus. (Pires 1997a)

Invocando o fundador da Companhia de Jesus, Vieira lembrava, em 1688, aos noviços e estudantes do Colégio da Baía que a sua «vocação é para discorrer e fazer vida em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de Deus, e ajuda das almas.» (1959: V, 381). Aludindo, depois, à sua própria experiência, salientou que deixara «o mundo do mundo» para salvar a sua alma, e o «mundo da Religião», isto é, as retóricas, filosofias, teologias, cadeiras e graus das Letras, para salvar muitas almas (1959: V, 391-392).

A conversão e salvação das almas exigiam o conhecimento da doutrina cristã, mas também despojamento, renúncia e determinação, como deixou claro no sermão da *Exortação Primeira em véspera do Espírito Santo* (Vieira 1959: V, 377-395).

Acerca do despojamento de Vieira, seja-nos permitido apresentar três exemplos que podem ilustrar aspectos da sua vida como missionário. Convém, no entanto, ter em conta, como advertiu Margarida Vieira Mendes, que o nosso jesuíta «escolheu ardentemente colocar a sua vida e a sua obra bem perto de uma subida noção de perfeição humana e de vontade de ser.» (Mendes 2003: 53)

Em primeiro lugar, atente-se no excerto de uma carta ao Padre Francisco de Moraes, de 6 de Maio de 1653, onde descreveu, com júbilo, as dificuldades sentidas no Maranhão:

Se eu ouvira Suas inspirações, já não fora tão grande pecador; mas, se o menos mal é parte do bem, alguma consolação posso ter hoje, que no

outro tempo me faltava. E, para que vós também a tenhais, sabei, amigo, que a melhor vida é esta. Ando vestido de um pano grosseiro cá da terra mais pardo que preto; como farinha de pau; durmo pouco; trabalho de pela manhã até à noite; gasto parte dela em me encomendar a Deus; não trato com mínima criatura; não saio fora senão a remédio de alguma alma; choro meus pecados; faço que outros chorem os seus; [...]. (Vieira 1997: I, 295)

No mesmo sentido vai a *Defesa do livro intitulado Quinto Império...*, entregue, no Tribunal da Inquisição de Coimbra, depois de 23 de Julho de 1666 e antes de 23 de Dezembro de 1667, quando Vieira lembrou aos Inquisidores «o teor da sua vida e o seu zelo da disciplina religiosa e do culto divino, da propagação da Fé e da salvação das almas, da reformação dos costumes, da frequência dos sacramentos, da promoção da piedade e devoção, assim entre os Portugueses como entre os Índios e outros» (1952: 159):

Ou se era de homem que nem cresse nem amasse a Cristo, o cuidado e a vigilância, e as viagens e indústria que tinha, para que nenhum gentio ou catecúmeno morresse sem baptismo nem algum baptizado sem confissão, indo muitas vezes quatro e seis léguas a pé, e muitas vezes quinze e vinte, atravessando bosques e rios, sem ponte nem caminho, caminhando de dia e de noute para confessar a um enfermo. [...] E será, finalmente, de homem que não cresse em Cristo nem amasse a Cristo, a constância a que outros chamam pertinácia, com que tanto instou e trabalhou para arrancar por todas as vias daquele Estado o pecado universal, e como original dele, do cativo injusto dos Índios, sem embargo de ter contra si todos, não só seculares, senão eclesiásticos? (Vieira 1952: 160-161)

Na *Defesa* sublinhou também que a missionação se fazia à custa da caridade e mortificação dos missionários:

[...] comendo farinha de pau, bebendo água e vestindo algodão tinto na lama, tiravam de si e da boca o que tinham por mais bem empregado no culto divino e no socorro dos pobres corpos das almas que iam salvar, sendo o maior trabalho e dificuldade de toda a missão a cobiça insaciável dos que, por cativar e vender os corpos, punham em risco as almas; e para o fazerem mais livremente e sem estorvo, chegaram a prender sacrilegamente e desterrar aos que por amor das mesmas almas se tinham desterrado. (Vieira 1952: 168-169)

Finalmente, na *Exortação primeira em véspera do Espírito Santo*, o então Visitador Geral da Província do Brasil, evocou os seus

companheiros missionários, relevando a sua renúncia a graus ou carreiras:

Quem me dera poder agora chamar por seus nomes as almas de todos aqueles que eu acompanhei, quando fui à missão do Maranhão, e nela trabalharam e morreram gloriosamente! Eram dos melhores engenhos das nossas universidades, humanistas, filósofos, teólogos, e quando se viram naquela grande seara de almas, todos renunciaram uniformemente todos os graus, que costuma e pode dar a Companhia às Letras, e não quiseram outros estudos, senão aqueles somente, que lhes serviam para catequizar um gentio na sua língua. (Vieira 1959: V, 392)

Acrescenta ainda que os missionários congratulavam-se com os progressos e davam graças a Deus por lhes ter possibilitado passarem dos estudos da Europa para aquela «escola do Céu, tão superior, tão alta, tão útil, e tão descansada.» (1959: V, 393)

Por outro lado, a missionação exigia determinação e coragem. Vieira deixou isso bem claro na *Exortação doméstica em véspera da Visitação*, proferida na Capela interior do Noviciado, do Colégio da Baía, em 1688:

O verdadeiro e valente missionário há-de lutar com Deus, e lutar com os homens: com Deus, obrigando-o por meio da oração; e com os homens, convencendo-os por meio da pregação... (1959: IX, 319)

Tantas vezes a acção dos missionários foi prejudicada por acidentes, emboscadas, práticas antropofágicas, fome, sede e doenças. Mas a essas adversidades juntaram-se a incompreensão e oposição de autoridades e colonos, que não queriam admitir limitações à escravatura dos indígenas. O seguinte excerto do *Sermão da Sexagésima* ilustra bem estas situações:

Houve Missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande Rio das Amazonas; houve Missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na Ilha dos Aroãs; houve Missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocotins, mirrados da fome, e da doença: onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdido nas brenhas, matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. Vede se lhe quadra bem o *Notum aruit, quia non habebant humorem!* E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados, e perseguidos dos homens: *Conculcatum est!* Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores: só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados si, mas por amor de Vós mirrados; afogados si, mas por amor de Vós afogados;

comidos si, mas por amor de Vós comidos; pisados, e perseguidos si, mas por amor de Vós perseguidos, e pisados. (Vieira 2008: I, 24-25)

Incumbia ao missionário «derrubar a gentildade, e edificar a cristandade», «arrancar a superstição e ignorância, e plantar a fé» (Vieira 1959: V, 387). Esta missão combinava-se, porém, com o destino glorioso profetizado para Portugal, anunciado já no *Sermão dos Bons Anos*: «[...] vencendo e sujeitando todas as partes do Mundo a um só império, para todas em uma coroa as meterem gloriosamente debaixo dos pés do sucessor de S. Pedro.» (Vieira 1959: I, 341)

Ou como, em interpretação profética, escreveu na *História do Futuro*:

Os Portugueses foram aqueles cavaleiros a quem Cristo abriu o primeiro caminho pelo mar [...] Os Portugueses, aqueles cavaleiros que pisaram as ondas do mar, como os cavalos pisam o lodo da terra [...]; e as naus dos Portugueses, aquelas carroças que levavam pelo mar a Fé, a salvação [...]. (2005: 332)

Obrigado a regressar a Lisboa, depois de expulso do Maranhão, Vieira, no início de 1662, relevou a importância espiritual e temporal da actividade missionária no âmbito da política ultramarina:

Acabe de entender Portugal que não pode haver Cristandade nem cristandades nas conquistas, sem os ministros do Evangelho terem abertos e livres estes dois caminhos [...] um caminho para trazerem os gentios à Fé, outro para os livrarem da tirania: um caminho para lhes salvarem as almas, outro para lhes libertarem os corpos. (Vieira 1959: II, 32)

Na *História do Futuro*, aludiu também à relação entre frutos espirituais e temporários possibilitados pela missão:

Porque, pelo fruto espiritual que vão fazer os missionários, vêm de lá os frutos temporais com que Portugal se enriquece. E se vão faltando os segundos frutos, é porque também vão faltando os primeiros, de que eles nascem. (2005: 304)

Deveria, por isso, ser o missionário iluminado pelo Espírito Santo e amar profundamente a Deus e aos seus irmãos:

Para converter almas, não bastam só palavras, são necessárias palavras e luz. Se quando o pregador fala por fora, o Espírito Santo alumia por dentro: se quando as nossas vozes vão aos ouvidos, os raios da sua luz entram no coração, logo se converte o mundo. (Vieira 1959: V, 399)

Porque para ensinar homens infieis e bárbaros, ainda que é muito necessária a sabedoria, é muito mais necessário o amor. (Vieira 1959: V, 400)

Vieira preocupava-se com as populações que não eram evangelizadas, enquanto se formavam padres da Companhia ou tardava o seu envio para as missões.

E será bom zelo e boa consolação para as mesmas almas, dizerem-lhes os humanistas, que esperem dous anos; e os filósofos, que esperem três; e os teólogos que esperem quatro; e todo este curso de estudos, que esperem ou desesperem onze anos inteiros? Onze anos fazem pontualmente quatro mil dias, não havendo dia algum em que muitos daqueles miseráveis não morram sem fé, e sem baptismo. E quem há-de dar conta a Deus de tantas almas? Onde estão as leis da caridade? Onde estão as obrigações da necessidade extrema? Onde está aquele fim, e aquela vocação de discorrer e correr a qualquer parte do mundo, onde se espera maior fruto e remédio das mesmas almas? (1959: V, 393-394)

Em face desta apreensiva realidade, o pregador sublinhou o facto de, superiormente, ter sido concedido «aos que não acabaram seus estudos, que os possam ir acabar ao Maranhão, ainda com dispensação quotidiana de lições e anual de tempo», para «ganhar instantes e evitar dilações, em que se perdem muitas almas» (Vieira 1959: V, 389).

Em datas anteriores, encontramos, em diversas cartas, semelhante receio pela falta de missionários. Sirva de exemplo a que escreveu ao Padre Francisco Soares, reitor do Colégio de Évora, em 15 de Maio de 1653:

Ah! Meu padre, que se vai todo o mundo e se vão mundos inteiros ao Inferno por não haver quem cative o caminho do Céu!

Não sei que fé é a nossa, nem que esperança a dos ociosos de tantas províncias da Companhia, nem que conta hão-de dar a Deus de seu instituto e profissão.

Enfim, V. Rev.^a nos acuda, e nos socorra esta missão com todos os que V. Rev.^a julgar capazes dela [...] Para todos haverá trabalho, e para todos o bastante com que passar a vida. (Vieira 1997: III, 718)

O missionário necessitava de «muito cabedal de amor de Deus», principalmente pela «qualidade das gentes» das missões do Brasil e pela dificuldade das línguas (Vieira 1959: V, 404).

Várias vezes, referiu-se aos indígenas do Brasil em termos negativos, para acentuar o trabalho árduo do evangelizador: «porque a gente das terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas há no mundo.» (1959: V, 404)

Esta afirmação, contida no *Sermão do Espírito Santo*, pregado na Igreja da Companhia de Jesus em S. Luís do Maranhão em 1657, é fundamentada na experiência do orador, mas por ele vem a ser rebuscada e artificialmente sustentada no Evangelho de S. Marcos (16, 14-15), quando narra a aparição de Cristo Ressuscitado aos onze apóstolos, ordenando o anúncio da Boa Nova pelo mundo inteiro, depois de censurar a sua incredulidade e obstinação.

Do mesmo sermão é a muito conhecida alegoria do estatuário:

Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe, e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até a mais miúda: ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, ali arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito, e talvez um santo, que se pode pôr no altar. O mesmo será cá, se a vossa indústria não faltar à graça divina. É uma pedra, como dizeis, esse índio rude? Pois trabalhai e continuai com ele (que nada se faz sem trabalho e perseverança), aplicai o cinzel um dia e outro dia, dai uma martelada e outra martelada, e vós vereis como dessa pedra tosca e informe fazeis não só um homem, senão um cristão, e pode ser que um santo. (1959: V, 424)

No entanto, a «qualidade das gentes» não deveria justificar quaisquer faltas à obrigação, que cabia a todos, homens ou mulheres, «cada um conforme seu estado», na promoção da fé e no ensino da doutrina cristã. Vieira afirmava que, mesmo que alguns fossem ou parecessem *pedras*, *troncos* ou *brutos animais*, «a indústria e a graça tudo vence; e de brutos, e de troncos, e de pedras os fará homens», levantando aqui o confronto da graça com a natureza (1959: V, 423-424).

A perseverança, recomendada ao missionário, não dizia somente respeito à fase inicial da conversão dos gentios, mas também à sua vida futura de acordo com os princípios da fé cristã: «... se os não assistis, perde-se o trabalho» (1959: V, 409).

Tal é a fé dos Brasis: é fé que parece incredulidade; e é incredulidade que parece fé: é fé, porque crêem sem dúvida, e confessam sem repugnância tudo o que lhes ensinam; e parece incredulidade, porque com a mesma facilidade com que aprenderam, desaprendem; e com a mesma facilidade com que creram, descrêem. (Vieira 1959: V, 406-407)

Exigia, por conseguinte, acompanhamento permanente dos pregadores, porque havia «de estar sempre ensinando o que está aprendido, e há-se de estar sempre plantando o que já está nascido, sob pena de se perder o trabalho e mais o fruto.» (Vieira 1959: V, 407-408). Ou numa imagem feliz: «É necessário nesta vinha, que esteja sempre a cana da doutrina arrimada ao pé da cepa e atada à vide, para que se logre o fruto e o trabalho.» (*Ibid.*, 408)

Para o Padre António Vieira, a palavra constituía o instrumento principal da pregação da fé (2008a: II, 431), devendo, por isso, o missionário conhecer a língua dos gentios. Aliás, como lembrou na *Exortação primeira em véspera do Espírito Santo*, a regra de Inácio de Loyola ordenava a aprendizagem da língua dos naturais.

Por diversas vezes e em diferentes lugares, referiu-se à dificuldade das línguas, a segunda circunstância que, no seu entender, pedia «grande cabedal de amor de Deus» (1959: V, 411). Assim, podemos constatar no *Sermão do Espírito Santo*, de 1657:

Por vezes me aconteceu estar com o ouvido aplicado à boca do bárbaro, e ainda do intérprete, sem poder distinguir as sílabas, nem perceber as vogais, ou consoantes, de que se formavam, equivocando-se a mesma letra com duas e três semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas elas: umas tão delgadas e subtis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais afogadas na garganta, que pronunciadas na língua: outras tão curtas e subidas, outras tão estendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão, sendo certo em todo o rigor, que as tais línguas não se ouvem, pois se não ouve delas mais que o somido, e não palavras desarticuladas e humanas, como diz o profeta.» (1959: V, 414-415)

Igualmente, no *Sermão da Epifania*, proferido em Lisboa, na Capela Real, em 1662, após a sua expulsão do Maranhão, Vieira enfatizou as dificuldades na aprendizagem das línguas nativas:

É necessário tomar o bárbaro à parte, e estar e instar com ele muito só por só, e muitas horas, e muitos dias: é necessário trabalhar com os

dedos, escrevendo, apontando e interpretando por acenos o que se não pode alcançar das palavras: é necessário trabalhar com a língua, dobrando-a, e torcendo-a, e dando-lhe mil voltas para que chegue a pronunciar os acentos tão duros e tão estranhos: é necessário levantar os olhos ao Céu, uma e muitas vezes com a oração, e outras quase com desesperação, é necessário finalmente, gemer, e gemer com toda a alma; gemer com o entendimento, porque em tanta escuridade não vê saída; gemer com a memória, porque em tanta variedade não acha firmeza; e gemer até com a vontade, por constante que seja, porque no aperto de tantas dificuldades desfalece e quase desmaia. (1959: II, 24-25)

Na *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício*, de 1666, mencionou também a «diversidade incompreensível das línguas», sublinhando que muitas não se podem entender, pronunciar ou ouvir, «por serem guturais, e não desarticuladas, e mais semelhantes às das aves e às das feras que às dos homens.» (2008a: II, 209-210)

O missionário jesuíta debatia-se com o obstáculo de «línguas tão estranhas e bárbaras, como as vozes dos brutos» (Vieira 1959: IX, 324), as quais deveria aprender: «aos que pregam a fé entre as gentilidades, condena-os o amor de Deus, não só a que falem as suas línguas, senão a que as aprendam.» (V, 416). Depois do oferecimento da vida, para o Padre António Vieira constituía uma das maiores ofertas a Deus o aplicar-se ao «martírio, ou ao dificultosíssimo estudo das línguas bárbaras, que tão trabalhosamente se chegam a entender e falar.» (*Ibid.*, 384)

Para Vieira, Cristo não somente havia dado o exemplo como missionário, senão era o «mestre, e exemplar de todos os missionários do mundo» (1959: IX, 317-318). O perfeito e consumado missionário que, conforme profetizara Isaías (49, 1-5) começaria a sua missão desde o ventre da mãe.

Apesar de acreditar que a «conversão do mundo e pregação universal do Evangelho» haveria de ser «obra especial da onipotência e providência divina» (2008a: II, 432), o Padre António Vieira tinha em muita consideração o exemplo de «varões de muito superior espírito e verdadeiramente Apóstolos», como José de Anchieta (o «grande Anchieta», como habitualmente o denominava nos sermões) ou S. Francisco Xavier, que promoveram, em diferentes partes, a difusão da fé cristã (*Ibid.*, 425). Todavia, a Francisco Xavier consagrava a maior admiração. Dedicou-lhe uma série de quinze sermões e, em muitos outros, referiu exemplos edificantes da vida do *apóstolo do Oriente*, a

quem chamou de «luzeiro enviado do Ocidente» que «iluminou o sol do Oriente que nascia nas trevas»:

Esse foi S. Francisco Xavier, que não só iluminou e abrasou, com os raios da sua pregação, toda a Índia e toda a Ásia Maior, como testemunham por toda a parte nessas terras os despojos sem conta arrancados ao paganismo, pendurados, em homenagem a Cristo vitorioso, nos templos e nos padrões por ele erigidos; mas também, como está expresso na bula da sua canonização, foi ele o primeiro que levou o Evangelho e a fé a sete nações de povos diversos, cujo nome é conhecido, a saber: Japões, Paravás, Malaio, Acenos, Mindanaus, Jaios e Malaqueses. (Vieira, 2000: 129)

Em nosso entender, o jesuíta viu Xavier como o missionário exemplar, sendo bem significativos os encômios que lhe dirigiu no capítulo final do *Sermão décimo da sua canonização*:

Muitos santos não converteram um homem à Fé; e Xavier de todas as seitas converteu tantos, quantos elas em mil e quinhentos anos não puderam perverter. Muitos santos, contentes com a salvação da sua alma, não salvaram outra; e Xavier de inocentes e adultos, seguindo os que menos dizem, salvou ou pôs em estado de salvação um milhão e duzentos mil. Muitos santos guardando perpétuo silêncio, nem a sua língua falaram; e Xavier pregando a inumeráveis nações bárbaras, a todas falava na sua própria língua. (1959: XIII, 415)

Bibliografia

- Mendes (2003): Margarida Vieira Mendes, *A oratória barroca de Vieira*, 2.^a ed., Lisboa, Caminho.
- Pires (1997): Maria Lucília Gonçalves Pires, “O protótipo do Missionário em textos de Vieira”, *Oceanos* (Lisboa), n. 30/31, pp. 25-32.
- Pires (1997a): Maria Lucília Gonçalves Pires, “Vieira pregador”, *Millenium on line*, n.º 8, http://www.ipv.pt/millenium/ect8_mluci.htm
- Scheler (2001): Max Scheler, *Ética: nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*, Madrid, Caparrós, 2001 (introducción y edición de Juan Miguel Palacios; traducción de Hilario Rodríguez Sanz).
- Schurhammer (1992): Georg Schurhammer, *Francisco Javier: su vida y su tiempo*, Navarra, Gobierno de Navarra, Compañía de Jesús, Arzobispado de Pamplona, 4 tomos.

- Vieira (1952): Padre António Vieira, *P.º António Vieira: obras escolhidas: vol. VI: obras várias (IV): Vieira perante a Inquisição*, Lisboa, Livraria Sá da Costa (pref. e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade).
- Vieira (1959): Padre António Vieira, *Obras completas do Padre António Vieira: Sermões*, Porto, Lello & Irmão, 15 tomos, 5 vols. (pref. e revisto pelo Padre Gonçalo Alves).
- Vieira (1997): Padre António Vieira, *António Vieira: cartas*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 3 vols. (coord. e anot. de J. Lúcio de Azevedo).
- Vieira (2000): Padre António Vieira, *Clavis Prophetarum = Chave dos Profetas: Livro III*, Lisboa, Biblioteca Nacional (ed. crítica de Arnaldo do Espírito Santo).
- Vieira (2005): Padre António Vieira, *História do Futuro*, Brasília, Universidade de Brasília (org. por José Carlos Brandi Aleixo).
- Vieira (2008): Padre António Vieira, *Sermões: edição crítica: I*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (dir. científica de Arnaldo do Espírito Santo).
- Vieira (2008a): Padre António Vieira, *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2 vols. (ed. de Ana Paula Banza).